

A VARIAÇÃO FONÉTICO-LEXICAL EM ATLAS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE

Introdução

Ao estudarmos os falares regionais, especialmente naqueles estados brasileiros que já possuem seus Atlas Lingüísticos, e ao estabelecermos as discussões sobre Dialectologia e Sociolingüística, surge sempre a questão que diz respeito ao tipo de variação que ocorre, se as variações fonético-lexicais, por exemplo, são, realmente, regionais, dialetais, em seu sentido específico, ou se elas são sociais, sociolingüísticas.

Os especialistas de cada uma das áreas tendem a priorizar ou chamar a atenção para seu campo específico de atuação.

Por trabalharmos mais aprofundadamente com a Dialectologia procuraremos mostrar que a Dialectologia atual não é uma mera Geolingüística, como se considerava até alguns anos atrás, com o estudo, apenas, das variações regionais ou diatópicas, que produzia apenas resultados monodimensionais, monostráticos, monogeneracionais e monofásicos, no dizer de ELIZAINCÍN e THUN (1992: 128-9), mas que estuda, também, as causas sociais e estilísticas que determinam as variações regionais, pois:

“... el Atlas lingüístico tiene la obligación y es además capaz de dar una imagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenómenos variacionales” (THUN, FORTE e ELIZAINCÍN 1989:28).

Deste modo, a Dialectologia moderna utiliza-se, também, dos princípios e métodos da Sociolingüística, por exemplo, para caracterizar as variantes regionais e sociais daquela comunidade.

LOPE BLANCH (1978:53-4) reforça esta idéia ao falar sobre o papel da Sociolingüística nos estudos dialetais, ao dizer:

“La dialectología puede, evidentemente, beneficiarse mucho com las aportaciones de la sociolingüística, como de hecho ya se há estado beneficiando. El progreso metodológico que há establecido la sociolingüística con su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente atendidos por la dialectología, es aportación de primera magnitud, que la actividad dialectológica habrá de tener ahora muy en consideración.”

Nossa visão, a partir dos estudos realizados, é que as variações fonético-lexicais podem ser consideradas sócio-dialetais. Concordamos, portanto, com FISHMAN (1971:36) quando diz:

“Couramment cependant, les dialects peuvent représenter, signifier ou symboliser des éléments non géographiques.”

1 As Variações Diatópicas e Diastráticas

Sabe-se que a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas que, reunidas, constituem a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer.

Os avançados estudos dialetológicos e sociolingüísticos têm mostrado o quanto o conhecimento dessas variações pode ajudar num maior aprofundamento das análises lingüísticas e no melhor conhecimento das línguas.

Contudo, esse desenvolvimento da dialectologia e da sociolingüística não tem sido bem aplicado no sentido de valorizar as variantes regionais e sociais, a nível de escola fundamental, por exemplo, fazendo com que essas variações sejam vistas não como algo exótico, diferente, ou “errado”, em alguns casos, mas como parte do todo que constitui nossa língua. É necessário que se entenda o que muito bem frisou WILLIAM LABOV (1972:5) “*diferença não é deficiência*”.

Nessa mesma linha de pensamento dizem SCARTON e MARQUARDT (1981:6)

“As múltiplas variações observadas no sistema lingüístico ocasionadas por fatores vários dão uma idéia multicolorida da língua, realçando seu caráter maleável, diversificado. Tal imagem corresponde a uma realidade evidente e desconhecê-la ou não levá-la em consideração o suficiente, significa ter uma concepção mutilada da língua.”

Outra questão também polêmica é de que disciplina é mais ampla: a Dialectologia ou a Sociolingüística. Os defensores da Dialectologia argumentam que ela, ao estudar as variantes regionais, ou diatópicas, tem que estudar, obrigatoriamente, o grupo social que fala aquela variação, tendo assim, que estudar as variações sociais ou diastráticas bem como as estilísticas, ou diafásias.

Os sociolinguistas, por sua vez, dizem que a base de todos os estudos de variação é sempre o social que está presente em qualquer tipo de variedade que estude, já que o homem e o meio em que vive são o princípio de tudo.

Assim, as barreiras entre o dialetal e o sociolinguístico ficam cada vez mais tênues ficando difícil, muitas vezes, dizer onde termina uma e começa a outra. A esse respeito diz FISHMAM (1971:36):

“Ce qui constituait une variété régionale à l’origine devient ainsi une variété sociale ou un sociolecte.”

2 As Variações Fonético-Lexicais

Em todos os processos de variação e consequente mudança linguística é nos aspectos fonéticos e léxicos que começam todos esses processos de variação da língua que poderão se cristalizar numa mudança. Com base neste tipo de variação CINTRA (1971: 1-2) diferencia dialeto e falar, dizendo que:

... o dialeto vem a ser o desvio na estrutura (de caráter morfo-sintático) e o falar é o desvio superficial (fonético e vocabulário)”.

Deste modo, as variações fonético-lexicais assumem um importante papel no estudo de uma língua por poderem dar início a todo um processo não só de variação mas de mudança, começando por estabelecer falares, passando esses falares a se constituírem dialetos que poderão, num momento histórico e político se transformar em novas línguas.

3 As Variações Fonéticas na Paraíba e no Ceará

Apesar de partirmos de *corpora* diferentes: o *corpus* da Paraíba, constituído de material do Atlas Linguístico da Paraíba, e o do Ceará, constituído do *corpus* do projeto Dialeto Sociais Cearenses, mas tendo ambos os *corpora* informantes de áreas urbanas e rurais, de classes sociais, nível de escolarização, sexo e faixas etárias bastante semelhantes, cremos que podemos utilizá-los para mostrar os casos da Despalatalização de /λ/ e /ɲ/ e o caso do uso das Proparoxítonas.

3.1 O Fenômeno da Despalatalização e Iotização do /λ/ e do /ɲ/

O princípio linguístico da economia da linguagem atinge todos os níveis de análise linguística. Porém, é no nível fonético-fonológico que podemos perceber, de imediato, a aplicação desse princípio.

Esta percepção é ainda maior quando se trata do estudo do registro popular, coloquial e descuidado da fala.

A tendência natural para a facilidade da articulação dos sons, neste registro, conjuntura, assimilações, monotongações, apócopies, síncope, aféreses

e contrações pode indicar marcas características da linguagem de pessoas de nível cultural mais baixo.

O fenômeno da despalatalização, seguido ou não de iotização é um caso típico de economia da linguagem muito freqüente na linguagem popular e causado pela necessidade de facilidade de articulação, sendo um caso inverso da palatalização que o próprio TROUBETZKOY (1967:) diz ser “*um trabalho articulatorio suplementar*”.

O fonema / λ / é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, dorso-palatal e o fonema / ɲ / como consoante vibrante, sonora, nasal, dorso-velar. Ambos ocorrem sempre em posição medial de sílaba medial, ou final de palavras e, com raríssimas exceções, em posição inicial de alguns empréstimos espanhóis e no pronome de 3ª pessoa *lhe*. Ao tratar da posição das consoantes / λ / e / ɲ / nas palavras, CÂMARA JR. (1972:38) considera uma neutralização a posição não-intervocálica de / l - λ / e / n - ɲ /.

Em suas palavras:

Podemos dizer que em posição não-intervocálica há uma neutralização das oposições entre [...] líquida dental / l / e líquida palatal, ou molhada / λ /, e entre nasal dental / n / e nasal palatal, ou molhada / ɲ /, em proveito do primeiro membro de cada par.

Em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação o / λ / e o / ɲ / podem perder o traço palatal, passando a ser articulados como alveolares / l / e / n /, como iode / y / ou sofrer apagamento, desaparecendo.

Autores há que consideram esse fato um fenômeno fonético. Outros acham que é um problema de influência africana, uma mudança fonética do latim para o português, ou ainda um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema e não apenas uma articulação diferente dos fonemas / λ / e / ɲ /.

A despalatalização, definida como perda de traço palatal na articulação de um fonema, pode ser vista também como variedade regional, social, estilística ou individual.

BERGO (1986: 70) ao falar sobre o assunto diz que é:

Fenômeno fonético de caráter individual ou regional, que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a ponta da língua na abóbada palatina ao proferir aquele som.

JOTA (1976:103) além de considerá-lo fato fonético, considera-o fato estilístico quando diz:

... O fato não é raro em linguagem descuidada de alguns, que mudam o NH ou LH por N ou L ...” e ainda regional quando afirma: ... Em camadas rurais é comum [véyu] (velho), [muyé] (mulher)...

Ao falar da iodização/iotização como um dos fatos decorrentes da despalatalização, explica JOTA (1976:179) que ela precede a palatalização na passagem do latim para o português, dizendo:

A iodização precede a palatalização: lat. milia > por. Milya > milha..

O autor (1976: 179) igualmente trata como ipsilonismo a passagem do /l/ palatal /λ/, em semi-consoante /y/ afirmando que:

... Na passagem do latim para o por. ocorre na fase intermediária, anterior à palatalização: palia > palya > palha.

Já MELO (1981) considera a despalatalização um caso sociolingüístico, de registro de linguagem popular, de pessoas incultas, ao dizer:

Penso que a despalatalização seja fenômeno semi-culto, pois, muita vez, se ouve ligeira prolação do R final: mulér.

Já a iotização (fio por filho) é fenômeno popular, em qualquer região do país.

Para CÂMARA JR. (1979) a despalatalização pode muitas vezes, ser um fato fonológico, já que podemos ter, mudança de significado do signo, tanto no caso de despalatalização /λ > l / como com a iotização /λ > y /, como diz ele:

... no caso do molhamento, trata-se a rigor de uma iotização, mas temos que considerar o resultado uma consoante simples em virtude da possibilidade de contraste como olhos-óleos, venha-vênia.

Mas, ao definir a iotização o autor usa critérios fonéticos quando diz (1977:149):

Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta / i / ou para a semivogal correspondente ou iode.

Outra hipótese para a despalatalização e iotização do /λ / e do /ɲ / é a da influência do português crioulo dos escravos ou do substrato indígena, como diz CÂMARA JR. (1979):

É igualmente possível que [...] se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena...

hipótese esta também levantada por outros estudiosos que vêem a despalatalização e iotização como uma marca da fala dos índios e africanos que tinham dificuldades de articular o /λ / e o /ɲ /, como frisa SILVA NETO (1977):

... No nosso caso particular e histórico, observamos que os aloglotas (mouros, índios e negros) se mostraram sempre incapazes de pronunciar o lh.

Historicamente, pode-se também explicar o fenômeno uma vez que na passagem do latim para o

português a iotização antecede a palatalização. Assim, em latim havia o iode, que se palataliza no português como nos casos de milia > milya > milha ou foleam > folha ou somnium > sonho, sendo que /l + y / deram /λ / e /n + y / deram /ɲ /.

Ora, no caso da despalatalização, que leva à iotização, o movimento se inverteu, ou seja, o /λ / desdobra-se em /l + y / e o /ɲ / em /n + y /.

3.2 Os Corpora Analisados

3.2.1 O Corpus do Atlas Lingüístico da Paraíba

A pesquisa para a realização do Atlas Lingüístico da Paraíba, ocorrida entre 1976 e 1982 e publicada em 1984, foi feita em 100 municípios paraibanos cobrindo todas as microrregiões do Estado, com cerca de 200 informantes de faixa etária entre 30 e 75 anos, de ambos os sexos, com nível de instrução entre analfabeto e primário completo. Para este trabalho foram analisadas as variações ocorridas em onze cartas fonéticas: de número 013 - Redemoinho; 027 - Orvalho; 055 - Espinha dorsal, 077 - Zarolho; 114 - Castanha; 097 - Apanhado; 105 - Bilha; 076 - Caraolho; 054 - Espinhaço; 026 - Molhação; e 066 - Patinho.

3.2.2 O Corpus do Projeto Dialetos Sociais Cearenses

O corpus da pesquisa Dialetos Sociais Cearenses foi colhido entre 1986 e 1987 e publicado em 1996. É composto de 18 entrevistas com informantes de 11 bairros de Fortaleza, por faixas etárias que vão de 10 a 40 anos, homens e mulheres, com níveis de escolaridade entre 1º. e 2º. graus, de classe média e baixa e de profissões variadas. Para este trabalho foram utilizadas as entrevistas de 6 informantes;

3.3 A Despalatalização e Iotização no Falar da Paraíba e do Ceará

As primeiras análises indicam alguns fatos como os mostrados a seguir:

3.3.1 Apagamento do /ɲ / - /ɲ > ø /

Nos corpora estudados há uma predominância, quase que absoluta, do apagamento do /ɲ / - /ɲ > ø / antecedido da vogal fechada /i /, em sílaba nasal, restando, contudo, a nasalização, como nos casos de:

Ceará

minha ['m̃ɲa > m̃ã]
caminho [kã' m̃ɲu > kã' m̃ũ]

Paraíba

redemoinho [hidi' m̃ɲu > hidim̃ũ]
espinha [isp̃ɲa > is' p̃ã]

3.3.2 Permanência do / ʎ /

Fato marcante, também nesse contexto, é a permanência do / ʎ / tanto em sílaba medial quanto em final, como nos exemplos:

Ceará

milho ['miʎu]
melhora [mi'ʎɔra]

Paraíba

orvalho [ɔfi'vaʎu]
zanolho [zâ'noʎu]

3.3.3 Permanência do / ɲ /

O fonema / ɲ /, permanece em sílaba medial e final, no falar do Ceará, porém, no falar da Paraíba esse fato aparece raramente, como nos exemplos:

Ceará

escolinha [isko'liɲa]
conheço [ku'ɲesu]

Paraíba

espinhaço [ispi'ɲasu]
patinho [pa'tiɲu]

3.3.4 Iotização do / ʎ /

Em seguida, em número de ocorrências, vem a iotização do / ʎ /, em sílabas medial e final, como nos exemplos:

Ceará

filho ['fiʎu > 'fiy]
trabalhador [trabaʎa'dofi > trabaya'do]

Paraíba

carvalho [kaʎa'oʎu > kaʎa'oy]
molhaço [moʎa'saw > moya'saw]

3.3.5 Iotização do / ɲ /

O / ɲ / também sofre iotização em sílabas medial e final, como nos exemplo:

Ceará

banho ['bâɲu > 'bây]
sonhado [so'ɲadu]

Paraíba

castanha [kaʎ 'tâɲa > kaʎ 'tâya]
apanhado [apâ'ɲadu > apây'adu]

3.3.6 Baixas Frequências ou Não Ocorrências

Apesar de se esperar que ocorressem, alguns fatos não apareceram ou apareceram com uma única ocorrência em ambos os *corpora*. É o caso de:

3.3.6.1 Dupla iotização [ʎ - ɲ > yy] que apareceu em:

Ceará

galhinho [ga'ʎiɲu > ga'fiyyu]

Paraíba

espinhaço [ispi'ɲasu > ispiyy'asu]

3.3.6.2 Despalatalização simples do [ʎ > l], como em:

Ceará

mulher [mu'ʎe > mu'le]

Paraíba

bilha ['biʎa > 'bila]

3.3.6.3 No caso do [ɲ > n], não ocorreu em nenhum caso a despalatalização simples.

3.3.6.4 O apagamento do [ʎ] não ocorreu em nenhum caso.

O estudo da despalatalização tem sido feito em outros estados, com *corpus* semelhante ao nosso, com análises que seguem essa mesma linha de trabalho. Entre esses trabalhos podemos destacar o de AGUILERA (1988): *O fonema /ʎ /: realização fonética, descrição e sua comparação na fala popular paranaense*, para o Estado do Paraná, ARAGÃO, (1994): *A despalatalização e iotização no falar paraibano*, para a Paraíba, *A Despalatalização e Conseqüente Iotização no Falar de Fortaleza* (1996) e CARUSO (1983): *A iotização do /-LH/ segundo o atlas prévio dos falares baianos*, para a Bahia, entre outros.

Nesses trabalhos observa-se que a despalatalização e iotização estão sempre relacionadas, além dos aspectos puramente fonéticos, de articulação defeituosa ou relaxada, a fatores sociais e geográficos, sendo consideradas diastráticas, uma vez que se diz que esses fenômenos ocorrem com falantes de pouca escolaridade, e diatópicas, já que ocorrem em falantes da zona rural ou de regiões mais atrasadas.

SERAINE (1985: 60) faz referência ao fenômeno da despalatalização, iotização e apagamento do [ʎ] e do [ɲ] no falar de Fortaleza ligando-o ao aspecto diastrático, ao comentar que mesmo no falar de pessoas cultas, no registro informal e familiar ocorre a despalatalização e a iotização. Em suas palavras:

Se examinarmos, porém, a fala urbana culta de Fortaleza, no colóquio informal ou na linguagem familiar, [...] encontraremos diversas infrações ao que prescrevem essas normas sociolinguísticas. [...] vocalização do dígrafo nh para formar ditongo nasal com a vogal anterior [tãmy] ou [tãmã], [pøyu] ou mesmo síncope como em [kariu] [karim]...

4 As Variações Lexicais nos Atlas Lingüísticos da Paraíba, Sergipe e Bahia

Do mesmo modo que as variações fonéticas, as lexicais podem ser e geralmente são consideradas, ora como puramente geográficas, dialetais ou diatópicas, como sociais ou diastráticas, ou ainda dependentes do estilo, estilísticas ou diafásicas.

Para uma análise de alguns desses aspectos, selecionamos algumas cartas léxicas dos Atlas Lingüísticos da Bahia (1963), Paraíba (1984) e Sergipe (1987), levando-se em consideração as seguintes variáveis:

- a) a freqüência e distribuição das variantes em todo o Estado e em cada ponto de per si;
- b) a estruturação das variantes em forma de lexias simples, compostas, complexas e como expressões completas;
- c) o uso de formas diminutivas com valor afetivo ou representativo;
- d) o uso de adjetivos qualitativos em lexias compostas e complexas;
- e) o número de variantes lexicais em cada tema das cartas.

O objetivo da seleção e análise dessas cartas é tentar determinar se essas variantes são diatópicas ou diastráticas ou, se ao contrário, são sócio-dialetais.

As cartas escolhidas, em todos os Atlas foram *soutien*, *útero*, *arco-íris*, *tornozelo* e *rótula* e fazem parte dos campos semânticos a terra e o homem.

Paraíba	Bahia	Sergipe
1. Sutiã	Soutien	Soutien
corpete	corpete	corpete
califon	califon	califon
porta-seio	porta-seio	porta-seio
guarda-seio	guarda-seio	guarda-seio
bustiê	_____	_____
_____	corpinho	_____
_____	aperta-seio	_____
_____	sustenta-seio	_____
2. Útero	Útero	Útero
mãe do corpo	mãe do corpo	_____
bacia	bacia	bacia
ventre	_____	_____
ventre da mãe	_____	_____
_____	dona do corpo	_____
_____	saco	saco
_____	ova	_____
_____	senhora do corpo	_____
_____	madre	_____
_____	comadre	_____
_____	_____	companheira
_____	_____	fato

3. Arco-írisarco-celeste
olho de boi

arco

as barras

as torres

sub-dourada

os vieiras

os véus

cu de boi

Arco-írisarco-celeste
olho de boi

arco de boi

arco da velha

arco de velho

arco

arco da aliança

sete couros

barra de nuvem

Arco-írisarco-celeste
olho de boi

arco de boi

arco da velha

arco de velho

arco

4. Tornozelo

rejeito

junta

mocotó

junta do pé

osso de São Severino

osso do gostoso

Tornozelo

rejeito

junta

mocotó

peadouro

mondongo

cotovelo

Tornozelo

rejeito

junta

mocotó

mondongo

cotovelo

joaninha

tronco

machinho

5. Rótula

bolacha

bolacha do joelho

rodinha do joelho

cabeça do joelho

patinho

bolachinha

Rótula

bolacha

patinho

bolachinha

rodela

bolinh

pataca

pataquinha

cotovelo

prato

carapuça

Rótula

bolacha

patinho

cotovelo

cabeça

pratinho

bola

catoca

carapucinha

Após a análise das cartas léxicas dos Atlas Lingüísticos da Paraíba, da Bahia e de Sergipe, selecionadas como amostragem para este trabalho, chegamos a algumas conclusões:

a) Os temas analisados apresentam uma grande variação lexical. O que apresentou menor número de variantes teve cinco formas diferentes para o mesmo conceito e o de maior riqueza lexical apresentou doze variações;

b) As variantes distribuem-se em todo o estado, comprovando o princípio da norma lingüística: alta freqüência e distribuição regular;

c) Muitas das variantes são comuns aos três estados analisados, podendo-se pensar numa variação regional nordestina, contudo, ao analisarmos os Atlas Lingüísticos de Minas Gerais e do Paraná vamos encontrá-las também naqueles estados;

d) As variantes lexicais analisadas possuem várias estruturas, que podem ser lexicais simples, compostas e complexas;

Conclusão

Ao propormos o presente trabalho queríamos não só mostrar o problema da variação lingüística fonética e lexical, propriamente dita, mas, principalmente, analisar até onde essas variações podem ser consideradas apenas geográficas, diatópicas ou sociais, diastráticas.

Sabemos que, em determinadas situações, esta distinção torna-se bastante difícil, uma vez que, ao mesmo tempo que os informantes são de uma determinada região, têm, ao mesmo tempo, todas as marcas sociais, de faixa etária, de sexo, de escolaridade, de nível sócio-econômico diferentes que poderão influenciar no seu modo de falar.

Quer fonética, quer lexicalmente, pode-se falar em variantes sócio-dialetais e não apenas em dialetais e sociais, porém se dará maior ênfase a um desse tipos de variação, dependendo da linha de trabalho que se esteja seguindo.

7 Bibliografia

- AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LI, ano LI, Fortaleza, 1937, p. 271-307.
- AGUILERA, Vanderci A. *O fonema /ʎ/: realização fonética, descrição e sua comparação na fala popular paranaense*. III ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA. João Pessoa: UFPB, 1988.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. *A despalatalização e a iotização no falar paraibano*. I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA. *Resumos*. Salvador: UFBA, 1994.
- _____. et al. *A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza*. XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.
- _____. et SOARES, Maria Elias (orgs.) *A linguagem falada em Fortaleza - Diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo*. Fortaleza: UFC, 1996.
- BERGO, Vitório. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BISOL, Leda. A palatalização e sua estrutura variável. *Estudos Lingüísticos e Literários*. n. 5. Salvador: UFBA, dez. 1986, p. 151-162
- BLANCH, M.L. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M & BLANCH, M.L. *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico do Brasil - ALiB - Projeto*. Salvador: UFBA, 1998.
- CARUSO, Pedro. A iotização do /-LH/ segundo o atlas prévio dos falares baianos. *Alfa*, São Paulo, 27, p. 47-52, 1983.
- CINTRA, L.F.L. Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*. Lisboa, 22 (1-2), 1971.
- ELIA, Sílvio E. *A unidade lingüística do Brasil - condicionamentos geo-econômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- ELIZAINCÍN, A. *Dialectología de los contactos: un ensayo metodológico*. *Anuario de Letras*. México, v. XXVI, 1988.
- FISHMAN, J. *The sociology of language*. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1972.
- JOTA, Zélio dos S. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- LABOV, W. *Language in the inner city*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MADUREIRA, Evelyne D. Difusão lexical e variação fonológica: o fator semântico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, ano 6, v.1, p. 5-22, jan/jun.1997.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981
- MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense. *Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa*. Fortaleza, anos 9-11, n. 9, p. 68-94, 1988-1990.
- SCARTON, G. et MARQUARDT, L.L. O princípio da variação lingüística e suas implicações numa política para o idioma. *Boletim do Gabinete Português de Leitura*. Porto Alegre: (24):21-31, jun. 1981.
- SERAINE, Florival. Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In: SERAINE, Florival. *Linguagem e cultura - estudos e ensaios*. Fortaleza: Secretaria da Educação, 1985.
- _____. *Dicionário de termos populares (registrados no Ceará)*. Fortaleza: Stylus, 1991
- SILVA, Marinalva F. da. As seqüências "LH" e "NH" em português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 22, n. 3, p. 91-99, set. 1987.
- THUN, Harald et al. *El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)* Presentación de un proyecto. Iberoromânia, 3. Tübingen: 26-62, 1989.
- TROUBETZKOY, N.S. *Principes de Phonologie*. Paris: Klincksieck, 1967.